



Quando Napoleão I, imperador dos franceses, se coroa a 2 de Dezembro de 1804 (160 anos depois, Kubrick rodaria "Dr. Estranho Amor", em que todos os sonhos norte-americanos de ressurreição imperial terminavam com bombas atómicas sobrevoando o Atlântico), Bonaparte não vai a Roma para ser consagrado pelo Papa, como até o seu ídolo Carlos Magno fizera, 1000 anos antes. É o papa que se desloca a Paris para a cerimónia. Recordando-se do ultraje sofrido por Magno, a quem Leão III colocara pessoalmente a coroa imperial para mostrar a supremacia de Igreja sobre Estado (contrariando os rituais bizantinos da época), Napoleão convoca o Papa para que este se limite a admirar a sua auto-coroação. Kubrick também não se tinha em má-conta: era furtivo, ou minimal, quando lhe perguntavam pormenores criativos sobre as obras, mas não se coibia de dizer que "Ingmar Bergman, Vittorio De Sica e Fellini são os únicos realizadores do mundo que não são uns oportunistas. Têm um ponto de vista, que depois expressam numa e outra vez nos seus filmes". Obviamente, nunca se excluiu deste minúsculo grupo de autores.

Napoleão, que chegou a dominar a Espanha, a Itália (auto-proclamou-se rei dos transalpinos em Março de 1805), parte da Alemanha, uma fatia do império austríaco e o Egipto, esmagou logo que pôde o poder legislativo, fingindo manter durante algum tempo a herança da Revolução Francesa. Centralizando em si o poder executivo (foi Primeiro Cônsul da República antes de se assumir de vez como déspota iluminado) soltou a fúria da guerra por toda a Europa continental, em Arcole, Marengo, Cairo, Austerlitz, Iéna, Wagram, até o "general Inverno" e as tácticas sacrificiais dos russos lhe dizimarem um exército de seiscentos mil homens (como farão, século e meio depois, com os 'panzers' nazis). Waterloo esvazia-lhe a moral e o poder estratégico mas, até

OS IMPERADORES

Napoleão Bonaparte foi o último grande imperador europeu. Stanley Kubrick foi o último grande cineasta, controlador e obsessivo. A biografia de Napoleão era o projecto da vida de Kubrick. O filme nunca foi feito, mas deu origem a um livro colossal da Taschen.

TEXTO DE PEDRO MARTA SANTOS

Eram ambos generais rigorosos, por vezes implacáveis com as suas tropas, seguidos por uma corte de fiéis, de tácticas revolucionárias, e obcecados. Muito obcecados. Como Napoleão, Kubrick preocupou-se sempre em preservar o seu mito. Eram homens conscientes da derradeira forma de poder: a eternidade.

No 'plateau', Stanley, o judeu do Bronx nascido em 1928, podia ser um tirano, exigindo dezenas de 'takes' aos seus actores para uma cena simples, em que alguém sacava um cigarro e dizia três palavras. Às vezes, os 'takes' chegavam à centena. "Corta! Outra vez". Com Nicole Kidman, por exemplo, em "De Olhos Bem Fechados - Eyes Wide Shut", o último Kubrick, que ele terminou pa-

ra morrer três dias depois, como se só pudesse ir desta para melhor após completar o filme: "Stanley achava que, por vezes, um actor só é capaz de se separar da auto-consciência do que faz, e libertar-se, ao fim de muitas tentativas".

Outros actores, como Robert Duvall ou Marlon Brando (que despediu Kubrick um par de semanas antes do início da rodagem de "One-Eyed Jacks"), pensam o contrário, que um director como Kubrick faz mal à 'performance', é "inimigo do actor". Com ele, ou se fazia assim ou não se fazia (Napoleão era um bocadinho mais inclemente: quando os seus soldados agonizavam de peste durante a incursão que fez à Síria, propôs matá-los com doses cavaleares de ópio; o médico do exército recusou).



A Taschen publicou um livro com todo o material que Kubrick compiliou sobre "Napoleão" ao longo de uma década: "Napoleon: The Greatest Film Never Made".

O LIVRO É UM MERGULHO NA PSIQUE DE KUBRICK E DE NAPOLEÃO.

à capitulação em Junho de 1815, Napoleão controlou tudo: cúpulas militares, lei, educação, Igreja, território, economia, espírito. Depois da experiência amarga de "Spartacus", em 1960, o projecto de Kirk Douglas cujo produto final lhe escapou das mãos, Kubrick não descansou até conquistar o controlo sobre os mais ínfimos aspectos das suas produções, do argumento ao próprio formato técnico de exibição das cópias. Com direito a 'final cut' (a última versão aprovada) de todos os filmes a partir de "Lolita", vetava as salas que entendia não reunirem condições para passar as suas obras, supervisionava o processo de dobragem dos filmes a nível mundial, retirava temporariamente todas as cópia dos cinemas se fosse necessário corrigir algum pormenor da banda sonora, ou da montagem, e conseguia mesmo anular em definitivo a exibição num país – quando "Laranja Mecânica", a gesta de um grupo de jovens malfeitores, na Grã Bretanha de um futuro próximo, liderado pelo maníaco em Beethoven e ultra-violência Alex (Malcolm McDowell) deu origem a uma onda de crimes que replicava os assaltos e violações do 'gang' no filme, Kubrick obrigou a Warner Brothers a retirar das salas inglesas todas as cópias da obra. Com isso, cessaram as ameaças de morte à família Kubrick. Isolando-se mais a partir de então, o realizador comunicava sempre por fax ou por telemóvel – a certa altura, depois de criar amizade com Kubrick, em conversas de horas ao telefone que se prolongaram por vários meses, o realizador John Boorman su-

geriu aparecer lá em casa, na mansão de Hertfordshire, para irem jantar. Kubrick respondeu-lhe "Jantar? A nossa relação telefónica é ótima, porquê mudar?".

Incansável perfeccionista, só decidiu filmar "Barry Lyndon", a saga de um anti-herói da plebe que se imiscui na aristocracia britânica do século XVIII, quando descobriu uma câmara utilizada pelos satélites da NASA, cujas lentes tinham a sensibilidade necessária para filmar à luz da vela, respeitando a atmosfera naturalista da época. Preocupava-se tanto com o seu julgamento da história que pretendia contar, como com o julgamento que a História faria do seu trabalho.

Talvez isso – isso e uma consciência partilhada da infinita capacidade do Homem exercer violência sobre o seu semelhante – tenha levado Kubrick a decidir filmar a vida de Napoleão Bonaparte. Começou a preparar o projecto ainda em 1968, durante a rodagem de "2001, Uma Odisseia no Espaço", e passou os três anos seguintes a fuzilar com perguntas Felix Markham, um historiador de Oxford que lançara em 1963 uma extensa biografia de Napoleão (gravando, claro, todas as conversas). Reuniu mais de 15 mil fotografias de possíveis 'décors' e 17 mil imagens de desenhos, pinturas e documentos do período entre 1769 e 1830. Uma dúzia de colaboradores de Markham fizeram relatórios detalhados de cinquenta figuras importantes na vida de Bonaparte, e o próprio Kubrick criou um sistema de 25 mil fichas sobre os aspectos mais triviais da odisseia napoleónica, interligadas entre si por um sistema complexo de códigos – é o trabalho dos obsessivos.

Persuadiu depois a MGM a dar-lhe 400 mil dólares para a recolha bibliográfica (leu perto de 500 livros sobre o general francês, acabando por constituir a maior biblioteca inglesa do tema), a pesquisa de locais de rodagem e a negociação com o exército romeno, tendo em vista a cedência de 40 mil efectivos de infantaria e 10 mil de cavalaria (lembrem-se que não havia ainda efeitos digitais), de forma a reproduzir com detalhe as batalhas cruciais. Criou um selo com o símbolo dos estúdios e a letra "N", só para usar na correspondência sobre o filme, e num bilhete dactilografado que entregou ao director da MGM, escreveu: "espero realizar o melhor filme jamais feito".

Em Outubro de 1971, o sonho napoleónico tinha terminado. A MGM ficou assustada com o orçamento – 5,2 milhões de dólares, uma fortuna para a época – e o rotundo fracasso de "Waterloo", a fita de Sergei Bondarchuk sobre Bonaparte estreada em 1970, enterrou o assunto de vez. Afinal, o poder de Kubrick tinha limites.

Em 1994, o argumento de "Napoleão" foi descoberto por acaso nuns caixotes da United Artists guardados centenas de metros abaixo do solo, numa mina de sal nos arredores de Hutchinson, Kansas. O filme começaria com um Napoleão de 4 anos na cama, com um urso de peluche – o urso seria o "Rosebud" de Bonaparte, como o trenó do magnata da imprensa no "Citizen Kane" de Orson Welles – terminando com a mãe do imperador a recolher o ursinho após a morte do imperador no leito aos 51 anos, no exílio da ilha de Santa Helena (antes de o projecto ser encerrado, pensava-se em Jack Nicholson como actor principal). Eram três horas de filme, com destaque minucioso para as batalhas de Austerlitz, das Pirâmides e de Waterloo, e um enfoque emocional no 'affair' e casamento com Joséphine de Beauharnais, a divorciada, mãe de dois filhos, seis anos mais velha do que Napoleão, que nunca lhe deu um herdeiro (Kubrick queria Audrey Hepburn



O livro tem 2700 páginas com desenhos de guarda-roupa, ensaios históricos, fotografias de 'repérage', quadros de época e o 'fac-simile' da última versão conhecida do guião de Kubrick.

para o papel). Segundo a fita que não chegou a ser, ela e o general conheceram-se numa orgia, comum na aristocracia parisiense da época (Joséphine não era nenhuma santa, nem ele), e há ecos dessa seqüência na orgia do baile de máscaras em "De Olhos Bem Fechados". Muitos pormenores, e recursos estilísticos (o uso de luz natural, a voz 'off') de "Napoleão" serão depois transferidos para "Barry Lyndon", estreado em 1975.

Graças ao empenho de Christiane Harlan, a mulher de Kubrick nos últimos 41 anos de vida, e ao irmão desta, Jan Harlan, produtor executivo do cinema a partir de 1971, a Taschen conseguiu reunir todo o material que Kubrick compilou sobre "Napoleão" ao longo de uma década. Lançado em 2009 numa edição ultra-luxuosa de mil exemplares numerados, a 700 dólares cada (mais de 500 euros), "Napoleon: The Greatest Film Never Made" é um livro colossal – são 2700 páginas – com dez cadernos lá dentro. Por fora, parece um único volume, encadernado em couro à moda antiga, mas trata-se na realidade de uma dezena de livros de tamanhos e cores variadas – o 'design' é magnífico, o apanágio da editora – cada um deles dedicado a uma vertente do projecto: desenhos de guarda-roupa, ensaios históricos, fotografias de 'repérage', ilustrações e quadros de época, trocas de correspondência, e o 'fac-simile' da última versão conhecida do guião. Incluindo uma chave de acesso a uma base de dados na Internet com a totalidade das fichas, fotos e ilustrações reunidas por Kubrick – são mais de 17 mil 'slides'... –, não é menos do que um mergulho de cabeça na psique de Stanley Kubrick e Napoleão Bonaparte. Para os cidadãos de posses terrenas, foi disponibilizada este ano uma versão do livro com "apenas" 1112 páginas, a oitenta euros, disponível em algumas livrarias portuguesas. Para aceder ao melhor filme nunca feito, talvez seja um preço justo.

FOTOGRAFIAS CEDIAS PELA TASCHEN



Kubrick começou a preparar o projecto sobre Napoleão em 1968. Reuniu mais de 15 mil fotografias de possíveis 'décors' e 17 mil imagens e documentos do período entre 1769 e 1830.